JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRÁFICO
DA VIDA PORTUGUESA
1903 1918

Fascículo N.º 5



A visita de D. Carlos ao Quartel de Marinheiros

Em Julho de 1907, no dia 12, o Rei D. Carlos, o Príncipe Real D. Luiz Filipe e o Presidente do Conselho, João Franco, visitaram o Quartel do Corpo de Marinheiros, em Alcântara, onde o Chefe do Estado assistiu, acompanhado pelas altas patentes da Armada, aos exercícios que então se realizaram, sendo recebido com as honras e distinções inerentes ao seu alto cargo.

A heroica Armada Portuguesa, — os «camisas de alcache», como então entre os populares eram conhecidos os marinheiros — tiveram nesse dia a sua melhor festa e a sua apoteose a que o mais alto magistrado da Nação quís dar especial significado com a sua presença.

Foi um dia de festa, êsse, que muitas «praças velhas» ainda hoje recordam com saüdade, e os oficiais de então não esqueceram jamais. O Rei, garbosamente, orgulhoso dos seus marinheiros, onde melhor se depositam as maiores tradições da História Pátria e da Raça, passou-os em revista.

Depois, acompanhou-os na sua festa durante todo o dia, acarinhou-os, interessando-se pela sua vida, procurando reagir contra a má vontade que na Marinha já então reinava contra a Monarquia.

Andava bastante conturbado o momento político entre nós, e a Marinha de Guerra ocupava, já nesse momento, um papel preponderante, que mais se acentuou depois, e teve o seu epílogo na histórica madrugada de 5 de Outubro de 1910.

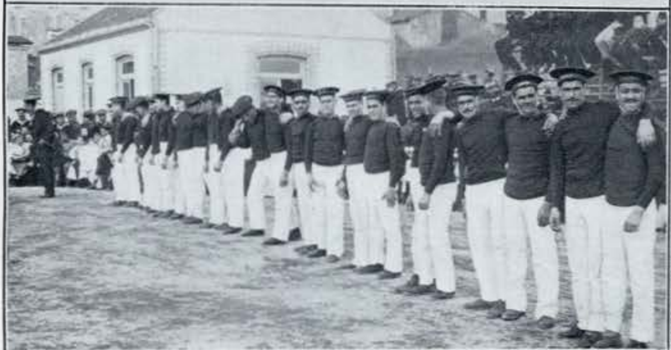
No entanto D. Carlos — a quem a História já fêz justiça — apaixonado por coisas de Marinha, êle próprio marinheiro, rendeu homenagem às qualidades dos heróicos marinheiros que tantas vezes, principalmente nas plagas africanas, tinham oferecido o seu sacrifício em holocausto à Pátria.

E então, como agora, a Marinha de Guerra ostentava com orgulho o seu lema significativo: — «Honrai a Pátria que a Pátria vos contempla».






D. CARLOS NO QUARTEL DE MARINHEIROS. — Fotografias de alguns dos exercícios de esgrima de baioneta, provas de destreza, marchas e evoluções que se realizaram no Quartel de Alcântara, vendo-se em algumas delas o Rei, D. Luiz Filipe e D. Manuel, João Franco e o contra-almirante Viana, então comandante do Corpo de Marinheiros — lugar que conservou até à proclamação da República.

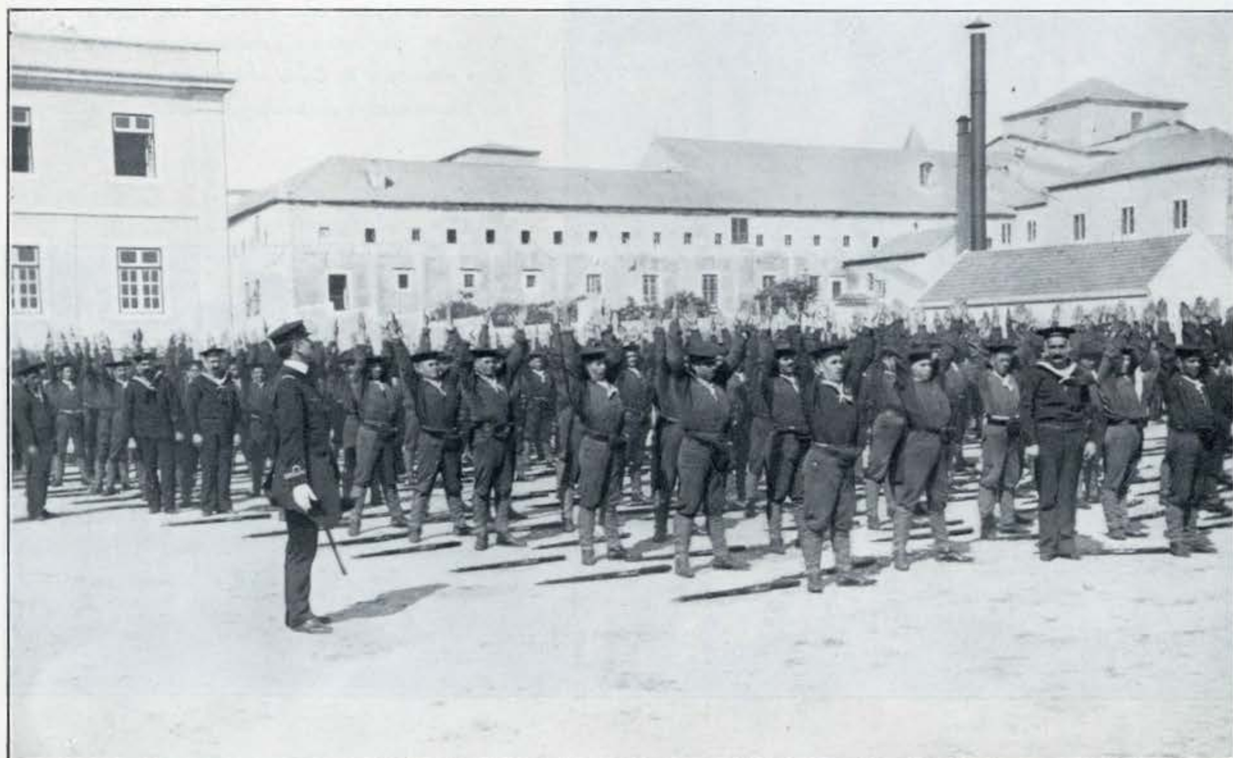






O Rei D. Carlos no Quartel de Marinheiros



Os bravos «camisas de alcache» realizaram perante o Chefe do Estado, várias demonstrações do manejo de arma, afirmando o grau da sua cultura física, em exercícios de gimnástica, que então se começavam a praticar entre nós, nas unidades militares.





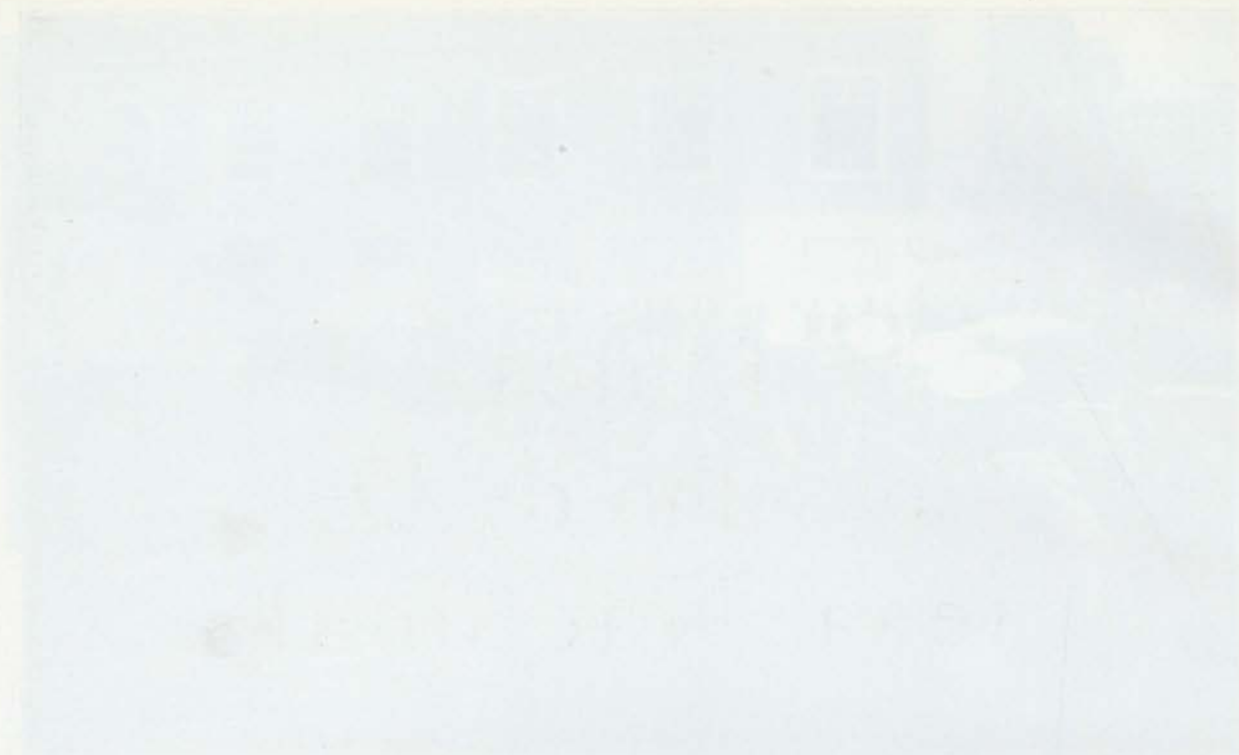
VÁRIOS ASPECTOS DOS EXERCICIOS REALIZADOS NA PARADA DO QUARTEL DE MARINHEIROS





Na fotografia de cima: Esgrima de baioneta.

Nas duas fotografias de baixo: Armação de bivaques.



Constituição do Conselho de Defesa Nacional

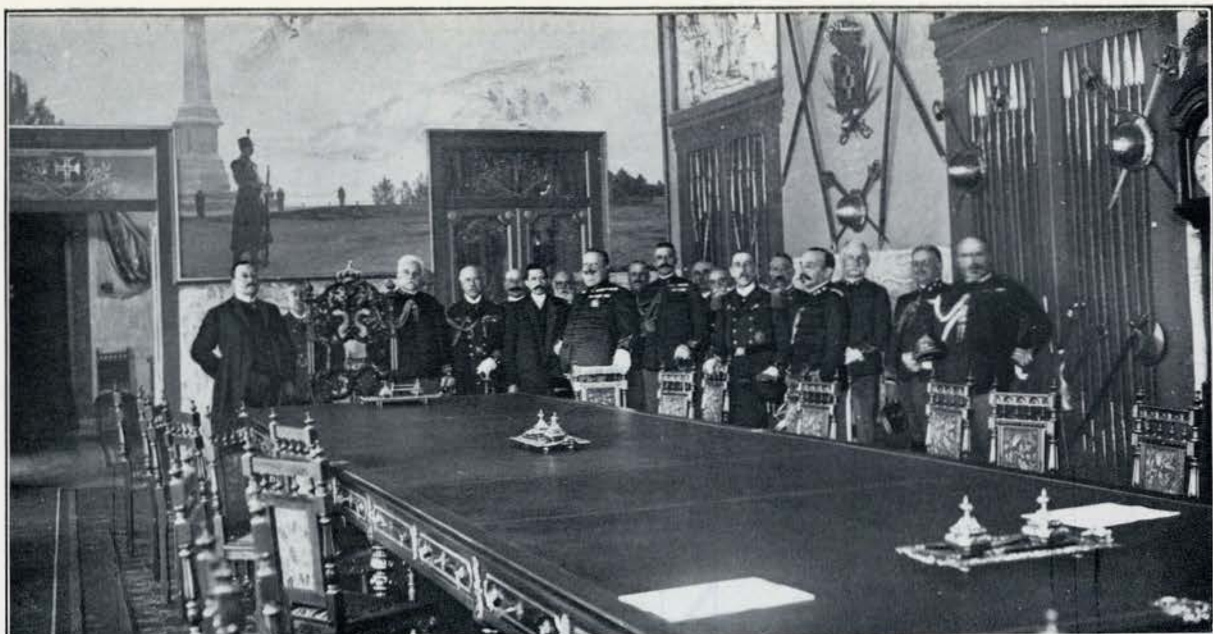
No grande impulso dado à organização militar do país no reinado de D. Carlos I, foram criados vários organismos superiores que tinham a seu cargo a organização da defesa nacional.

Um dêsses organismos, o que estava colocado mais alto na hierarquia militar e que era presidido pelo Rei, na sua qualidade de generalíssimo, comandante em chefe dos exércitos de Terra e Mar, denominava-se Conselho de Defesa Nacional.

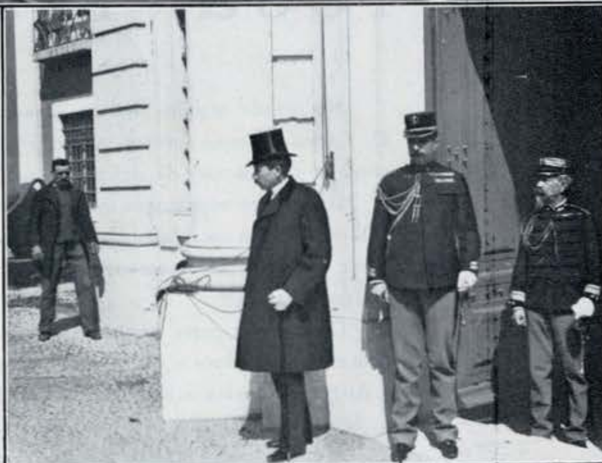
Dêle faziam parte, também, o Presidente do Conselho, João Franco, os Ministros da Guerra e da Marinha, respectivamente general Sebastião Teles e Aires de Ornelas, e altas patentes do Exército e da Armada, realizando-se as reüniões no edifício do Museu de Artilharia.

A sua primeira reünião revestiu desusado brilhantismo, como o demonstram as reportagens da época, publicadas em todos os diários, e ao qual assistiram, como adiante se documenta, os maiores nomes da nossa vida militar, generais e almirantes, alguns como Capêlo, com o nome para sempre inscrito em letra de ouro na História da Pátria.

Da acção do Conselho de Defesa Nacional, por motivos vários, pouco resultou, mais por culpa, talvez, das pessoas que o compunham do que daquelas que o fundaram, pois que da necessidade de existência dum organismo coordenador da acção de todos os elementos que teem a seu cargo a defesa nacional, é prova a fundação recente dum organismo com o mesmo nome e funções semelhantes.











A primeira reünião do Conselho de Defeza Nacional, realizada no Museu de Artilharia, na Sala da Guerra Peninsular; entre as pessoas que assistiram a essa reünião, vêem-se: o Rei, João Franco, Aires de Ornelas, generais Morais Sarmento, Vasconcelos Pôrto, Craveiro Lopes, Sebastião Teles, Montalvão e Campêlo de Andrade; almirantes Augusto Castilho e Guilherme Capêlo; capitão de Mar e Guerra D. Fernando Serpa, etc.

Nas outras gravuras, da direita para a esquerda: o Ministro da Guerra, general Sebastião Teles, à chegada ao Museu de Artilharia; João Franco, generais Vasconcelos Pôrto e Craveiro Lopes, à saída; a chegada do general Montalvão, e na última fotografia o almirante Antunes Moreira e o general Craveiro Lopes, cumprimentando-se.

Arquivo Gráfico



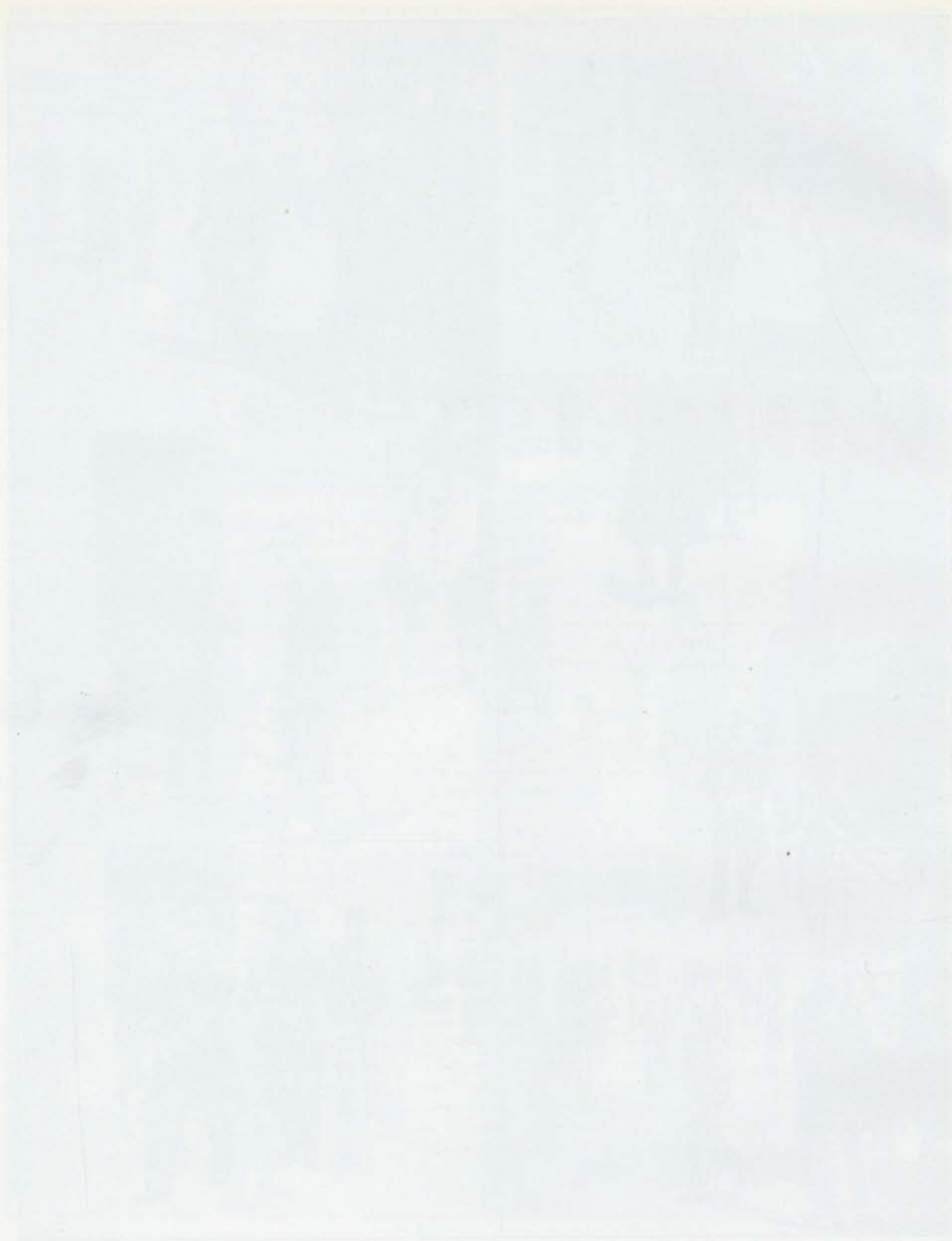






ASPECTOS DA CHEGADA DAS VARIAS INDIVIDUALIDADES AO CONSELHO DE DEFESA NACIONAL (de cima para baixo): General Campelo de Andrade; general Morais Sarmento; capitão de Mar e Guerra D. Fernando Serpa; general Vasconcelos Pôrto e o seu ajudante, o então tenente Bernardo de Faria; general Pimentel Pinto e um ajudante de campo; almirante Antunes Moreira; na última fotografia vêem-se o almirante Augusto Castilho, o então capitão Bernardo de Faria, ajudante de Vasconcelos Pôrto, e o capitão Sobral, ajudante de Craveiro Lopes.

Arquivo Gráfico



Novas viaturas militares do nosso Exército

Prosseguindo na modernização do nosso Exército, foram então, naquele ano de 1907, inauguradas as novas viaturas militares, hoje já velhíssimas mas que ainda se encontram, muitas delas, ao serviço activo.

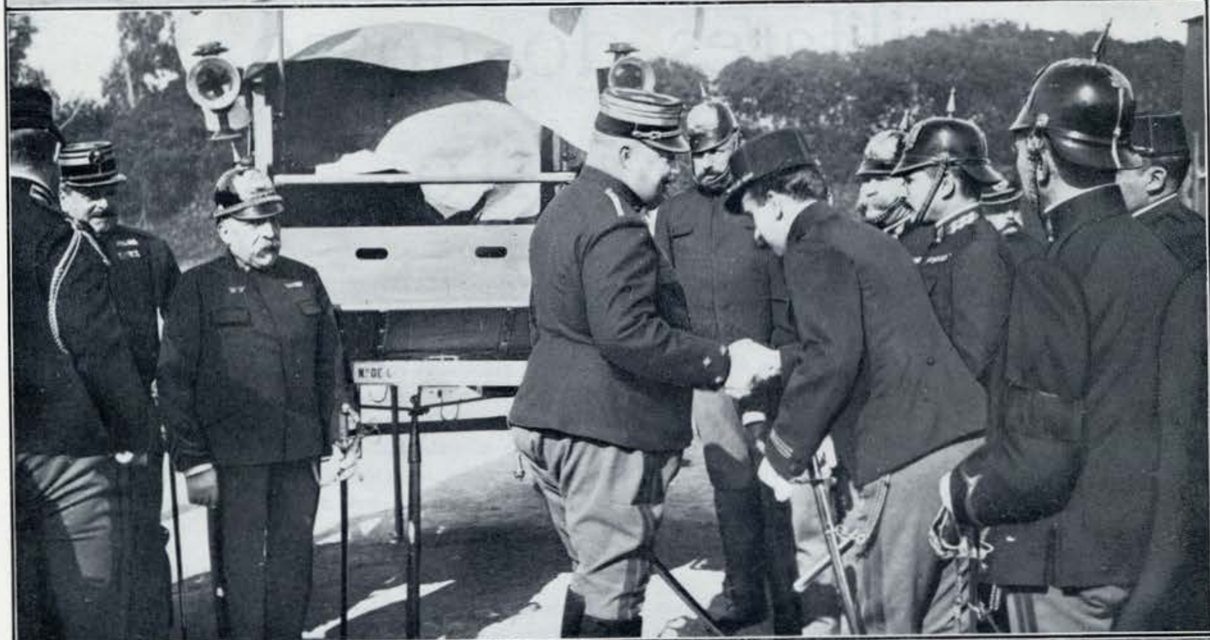
Vinha longe, ainda, o emprêgo do transporte automóvel, raramente usado na vida civil e particular e que Exércitos de nações mais poderosas e progressivas pouco utilizavam ainda, e por isso os nossos carros hipomóveis adaptados aos mais variados serviços militares, de administração e abastecimento, engenharia e saúde, causaram legítimo sucesso e verdadeira admiração na população quando lhes foi dado admirá-los, tanto mais que havia a acrescentar o facto bastante honroso de que todos êles tinham sido construídos em Portugal, por operários portugueses e sob o risco de técnicos também portugueses.

Muitos dêsses carros, acentuamos, a-pesar-das várias reformas porque o nosso Exército tem passado, continuam a prestar magníficos serviços, sendo ainda hoje utilizados, a-pesar-dos melhoramentos porque tem passado ùltimamente a arte militar, e dos grandes progressos revelados pela Grande Guerra.

As novas viaturas estiveram expostas e desfilaram em parada na cêrca do Quartel de Artilharia 1, no Alto da Rotunda, onde hoje está o Quartel de Artilharia Pesada n.º 3, perante o Chefe do Estado, membros do Govêrno e altas patentes do Exército e vários palacianos, vendo-se entre as pessoas que então acorreram a presencear o espectáculo — motivo de orgulho para o nosso Exército e para a nossa Pátria — algumas das que se encontram nas fotografias que adiante publicamos, e que depois tomaram por bem diversos caminhos na política, — como Júlio Dantas, então tenente médico do nosso Exército, e André Brun, o falecido escritor humorístico que tanta popularidade alcançou, e que se cobriu de glória nos campos da Flandres durante a Grande Guerra.

A êsse grande acontecimento militar — que o foi para a época em que se realizou — assistiram os principais elementos e os mais reputados técnicos de assuntos militares, todos sendo unânimes em considerar — e com êles a Imprensa de então — as novas viaturas da nossa tropa como as mais progressivas dos exércitos modernos, colocando-nos, ao menos nêsse campo, em pé de igualdade com os países de categoria e armamento semelhante ao nosso.







APRESENTAÇÃO DAS NOVAS VIATURAS MILITARES. — O Rei e o Príncipe Real, assistem, no quartel de Artilharia 1, na Rotunda, à apresentação das novas viaturas militares, vendo-se, no grupo, Vasconcelos Pôrto, Aires de Ornelas, Charters de Azevedo, Leote Tavares, Júlio Dantas e André Brun. *Ao centro:* o Capitão-médico dr. Júlio Dantas beija a mão de El-Rei D. Carlos, vendo-se no grupo o Príncipe D. Luiz Filipe, Vasconcelos Pôrto, Pereira Bastos, Elvas Cardeira, Josate Caldeira, etc. *Em baixo:* D. Carlos acompanhado por alguns dos oficiais referidos, junto dum carro dos serviços de saúde.

Arquivo Gráfico



Algumas das novas viaturas: — carros dos serviços de abastecimentos, de saúde, manutenção militar, engenharia, ambulâncias e telegrafistas.



De regresso do Cuamato

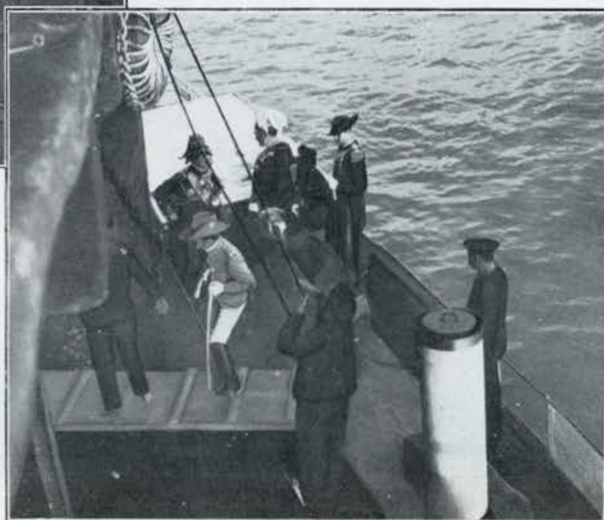
Foi em 1907 que o facto se deu e encheu de júbilo o bom povo português: Alves Roçadas, à frente de soldados e marinheiros de Portugal, obtivera a grande vitória do Cuamato que serviu para melhor e definitivamente marcar a nossa soberania em África, e para juntar mais alguns louros à acção civilizadora dos nossos soldados em terras do continente negro.

A chegada a Lisboa dêsses bravos portugueses foi motivo de regosijo geral e de grandes apoteoses aos exércitos de terra e mar, numa onda alta de patriotismo em que comungaram portugueses de todos os credos politicos. As festas que então se realizaram, as solenidades em que todos os portugueses, desde o Rei ao mais humilde dos seus subditos, tomaram parte, demonstram que a célebre campanha de África calou fundo na alma do povo português, e só assim, de resto, se justifica que tôda a população da cidade tivesse vindo para a rua aclamar os heróis no seu regresso das plagas africanas — onde tão bem se tinham sabido bater pela glória da Pátria.

As gravuras que publicamos adiante dão-nos aspectos do facto memorável da nossa história contemporânea.

A FAMILIA REAL AGUARDA A CHEGADA DOS HERÓIS: À janela da Superintendência da Armada, no Arsenal de Marinha, D. Carlos, D. Luiz Filipe, a Rainha D. Amélia, o almirante Hermenegildo Capelo, general Malaquias de Lemos, Aires de Ornelas, Charters de Azevedo e outras altas personalidades, aguardam o desembarque de Roçadas e dos seus soldados.



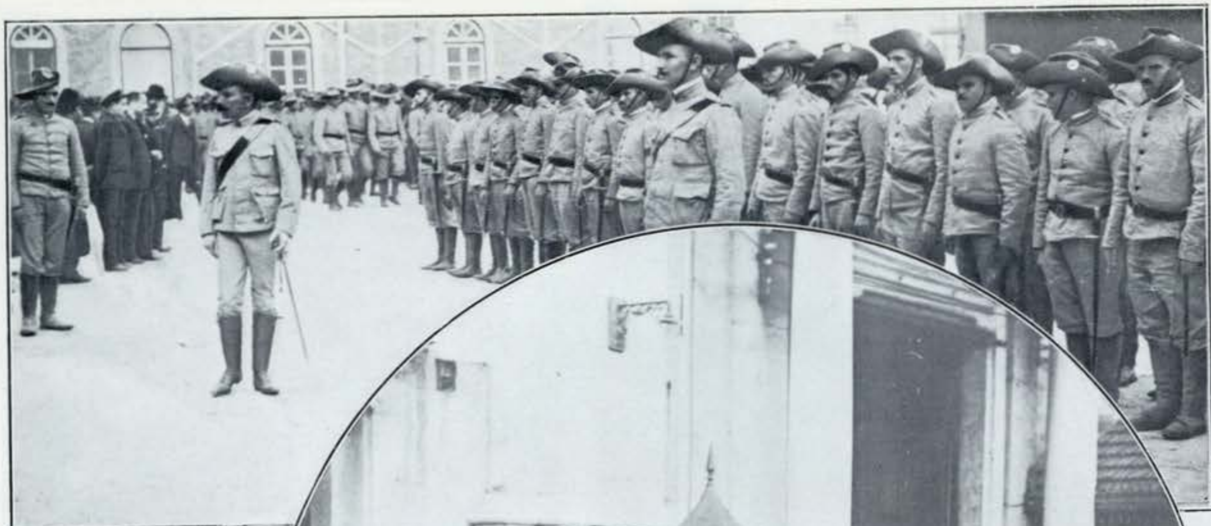


Na ponte do Arsenal de Marinha a mulher e os filhos de Alves Roçadas, com outras pessoas de família, aguardam a chegada do herói. — Roçadas com Aires de Ornelas e Vasconcelos Pôrto, ministros da Marinha e da Guerra, que o foram receber a bordo do barco que trouxe de África o grande cabo de guerra.

Aspecto da recepção feita no Tejo ao paquete «Peninsular», da Mala Real Portuguesa, que trouxe à Metrópole os bravos combatentes de África. Na vedeta que os trouxe para terra, Roçadas com Vasconcelos Pôrto e Aires de Ornelas, então ministros da Guerra e Marinha, respectivamente.

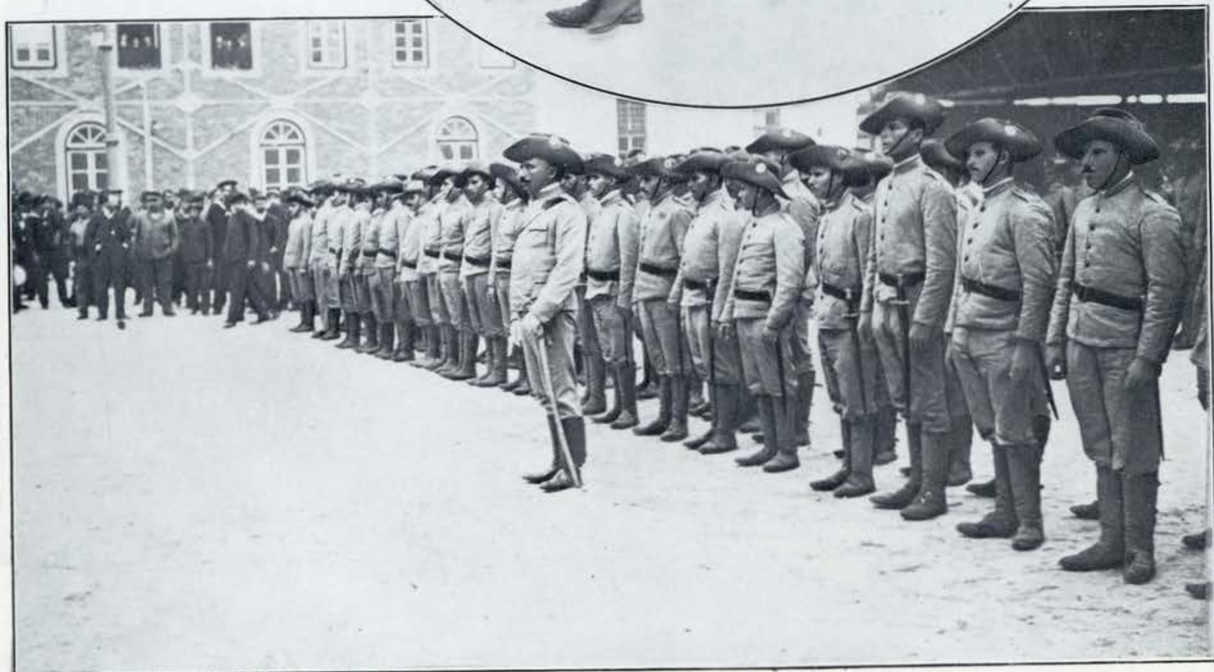
Herois do Cuamato

No impressionante momento da chegada, João Franco, Presidente do Conselho, felicita em Roçadas, os heróis de Africa. — Os vencedores do Cuamato dirigem-se para a Sala do Risco, onde vão receber a medalha «Rainha D. Amélia», comemorativa da gloriosa campanha.





HERÓIS DE AFRICA. — A companhia de infantaria 12 que fêz a campanha do Cuamato, tendo à frente o seu comandante, tenente Francelino Pimentel. — A companhia de Marinha, tendo à frente o 1.º tenente Sepulveda. — A companhia de infantaria 12, formada no Arsenal de Marinha.



Regresso dos Herois

A Marinha e Infantaria 12 a caminho do Mosteiro dos Jerónimos, onde se realizou um solene «Te-Deum» em acção de graças pela magnífica vitória dos soldados portugueses no Cuamato.

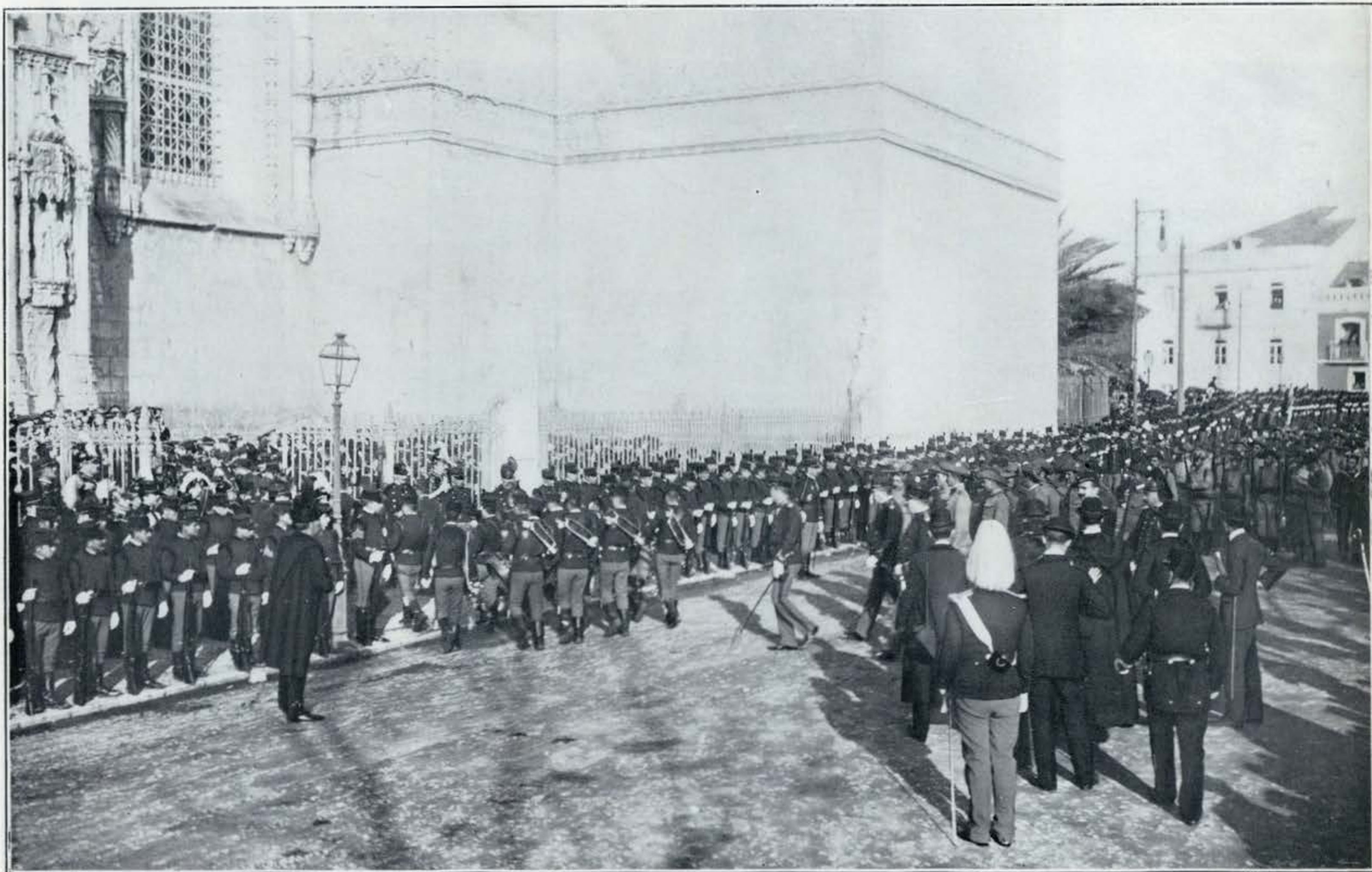
Herois de África

Junto da igreja dos Jerónimos, a multidão aclama entusiàsticamente os bravos heróis do Cuamato no momento da sua entrada no templo.



Herois de África

A chegada da Família Real ao templo dos Jerónimos, em Belém, onde se realizaram solenes cerimónias quando do regresso de África dos soldados comandados por Alves Roçadas.



O regresso dos soldados do Cuamato

O regimento de infantaria 1 faz a guarda de honra junto do templo dos Jerónimos.



Arquivo Gráfico

As manobras do Bussaco em 1905

O sr. D. Manuel de Bastos Pinto, Bispo Conde de Coimbra, celebrando a missa campal a que assistiram tôdas as tropas em operações, a Familia Real, altas individualidades militares e membros do Govêrno.

Manobras militares no Bussaco e em Tôrres Vedras

Nos dias 26, 27 e 28 de Agôsto de 1904 e nos dias 5 e 6 de Setembro do mesmo ano, realizou o nosso Exército espectaculosas manobras e exercícios militares no Bussaco e no planalto do Catão, as quais, além de servirem para melhor adestrarem os nossos soldados, tiveram ainda o grande condão de interessarem a população civil pelas coisas da tropa, ajudando a formar o espírito colectivo necessário ao progresso da defesa nacional.

Realizaram-se as manobras do Bussaco no mesmo local pisado pelos soldados de Wellington, tendo assistido a Família Real, os membros do Govêrno e as mais altas patentes do Exército, ficando célebre o «combate do Valongo» com que finalizaram os exercícios em que todos os objectivos previstos foram atingidos.

Nos dias 27 e 28 de Setembro de 1904, foi a prestação de provas pelos alunos da Escola Prática de Cavalaria, que ainda hoje funciona em Tôrres Novas, realizadas com grande êxito, tendo assistido o Rei e o Príncipe D. Luiz Filipe, etc.

Estas manobras, que foram assistidas de grande número de oficiais do nosso Exército, e dos adidos militares estrangeiros, tanto umas como outras, tiveram o condão de mostrar que já nessa época, bastante conturbada para a política do mundo, os bravos soldados de Portugal se encontravam então, como hoje, como sempre, aptos a cumprirem a sua missão, aptos a defenderem, em caso de necessidade, o sagrado solo da Pátria e a dignidade da Nação.





MANOBRAS DO BUSSACO: — Marcha de infantaria, e a artilharia toma posições em Moinho de Sula.

MANOBRAS DO BUSSACO: — D. Carlos, o Infante D. Afonso, generais Pimentel Pinto e Lencastre e Menezes; coroneis Alfredo Albuquerque e Rodrigo Ribeiro com outros oficiais.







MANOBRAS DO BUSSACO. — Os árbitros dos exercícios: coronel Rodrigo Ribeiro, tenentes Roberto Baptista e Freiria, e alferes Ferreira do Amaral, o último acendendo um cigarro. — D. Carlos, a Rainha D. Amélia e D. Isabel Ponte, assistindo ao decorrer dos exercícios.

Em baixo: Vários oficiais num bivaque de infantaria 1, quando dos exercícios no planalto de Catão.





Arquivo Gráfico

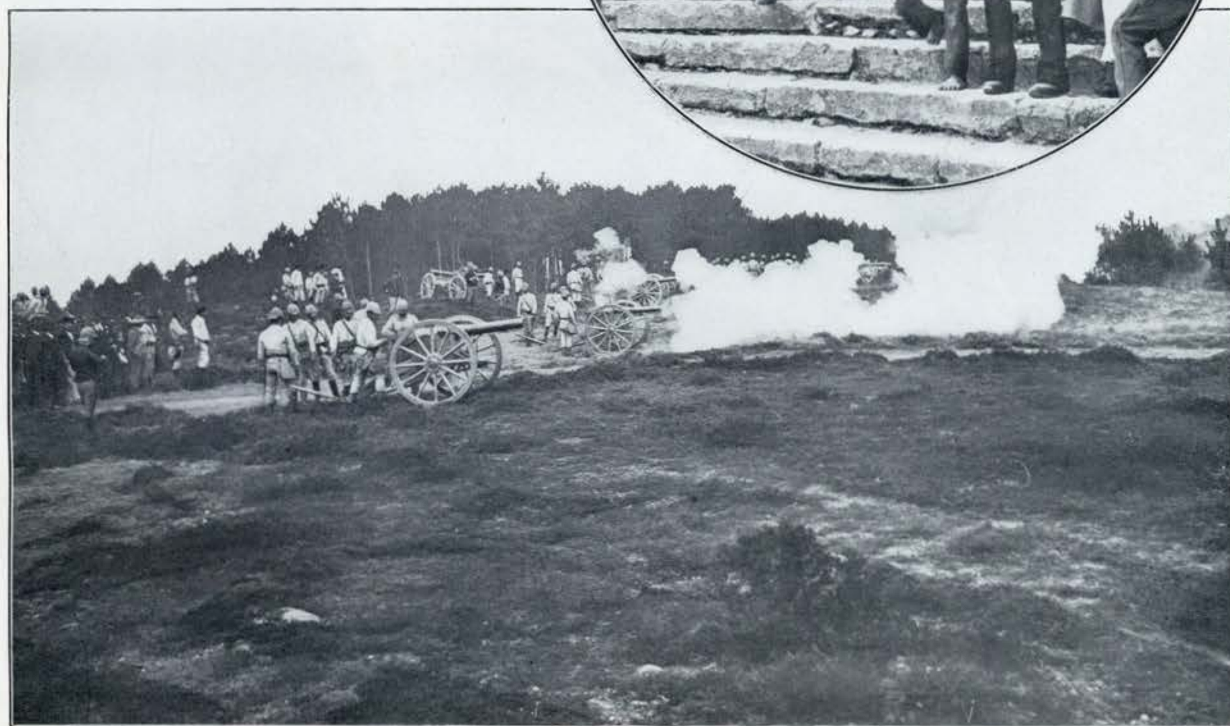
BUSSACO, EM 1907. — A infantaria em posição de combate.





EXERCICIOS EM TORRES NOVAS. — D. Carlos I. o Principe Real D. Luiz Filipe, o Ministro da Guerra e outros oficiais, assistem a várias fases de provas na Escola Prática de Cavalaria.

Em baixo: MANOBRAS DO BUSSACO. — Uma bateria de artilharia, no momento de entrar em acção.







MANOBRAS DO BUSSACO: Soldados preparando o rancho. — O adido militar espanhol, D. Luiz Verdad, assistindo aos exercicios.

Uma secção de ponteneiros cooperando nas importantes manobras.







MANOBRAS DO BUSSACO. — Infantaria defende uma posição. — O sr. Bispo Conde de Coimbra na missa campal.

Em baixo: MANOBRAS DO BUSSACO. — A Rainha D. Amélia e o Infante assistiram, interessados, ao desenrolar dos espectaculosos exercícios.



JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRAFICO DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918





Fascículo N.º 6


IMPRESSO
COMPOSTO
GRAVADO
BERTRAND IRMÃOS LDA